

EDITORIAL

Editorial – Herança Naus

Isabel Lousada

isabel.lousada@fcs.unl.pt

Dezembro 2020

“A vida só é possível reinventada”

Cecília Meireles

Palavras prévias

Antes de terminar o ano 2020 e a década, cumpre-nos assinalar o novo rumo da *Ponteditora* e, com ele, o da *Herança*, revista de *História, Património e Cultura*. Como recente e atempadamente anunciado noutros *fora*, passam doravante *Herança* e *Naus* a formar um só corpo, permitindo deste modo alargar o âmbito e o alcance das publicações e concentrar os recursos a elas afectos.

Abracemos o desafio pugnando pelo espírito colaborativo.

Rumamos ao futuro com uma nota de esperança alicerçada no reforço pela junção de talentos e competência de um corpo científico substantivo e de uma equipa renovada e motivada, agora também, pela dinâmica de Luís Filipe Sardinha e Fabiana Félix.

Viramos a página para encarar 2021 honrando e firmando parcerias alimentando a ponte para o conhecimento que nos caracteriza.

À RNLP – *Rádio Nova da Língua Portuguesa*, no respeito pelos diferentes “sotaques”, dirigimos uma saudação especial, na pessoa do seu timoneiro António Pinho da Cunha, abrindo as janelas e as portas pelo universo dos sentidos, que a voz permite alcançar. *Mulheres de Palavra: tear de mundos* é a rubrica que materializa a nossa cada vez mais estreita colaboração com Nelma Arônia a quem endereçamos um sentido obrigada.

São quatro os interessantes artigos publicados neste segundo volume de 2020 que cobrem aspectos tão diversificados quanto as diferentes latitudes a que se reportam. Cinco autores, dos quais três mulheres e dois homens, garantem o equilíbrio de género que, todavia, não se verifica na lamentável e discrepante percentagem relativa aos dois sexos na produção de artigos científicos, deixando sentir de modo muito particular o peso das tarefas desempenhadas (acumuladas) pelas mulheres, num ano particularmente difícil como este foi.

Um sumário como o que aqui apresentamos rapidamente dá conta do que afirmámos:

Tyson, Obama e um novo Cosmos: uma breve análise sobre a representação do negro na ciência por Luciana Lacreloree e Alexandra Campos;

O temor da ressignificação do tema Financiamento Público Educacional no atual cenário brasileiro da autoria de Roberta Maria Bueno Bocchi;

A Colegiada de Nossa Senhora da Conceição de Angra de Luís Henriques, *Samba e Polícia: resistência e crônicas cotidianas de um olhar contra-hegemônico na cidade do Rio de Janeiro* por Eduardo Brasil Barbosa.

Pela ordem acima apresentada nos é dado ler sobre a questão da representação da pessoa negra em duas temporadas de treze episódios (exibidos em 1980 e em 2014), na série de divulgação científica: *Cosmos, Uma Odisseia do Espaço-Tempo*. Stuart Hall é a referência teórica de suporte a este ensaio.

Em segundo lugar, surge *O temor da ressignificação do tema Financiamento Público Educacional no atual cenário brasileiro* e, como o título deixa saber, em causa está a reflexão em torno do financiamento estatal no período de crise económica que atravessa o mundo, no caso específico, o Brasil. Neste artigo a bandeira é a Educação Básica Pública, vista como um ato político.

A Colegiada de Nossa Senhora da Conceição de Angra ocupa o terceiro lugar e com ele o eixo de análise move-se do Brasil para o continente europeu, Portugal. O estudo é sobre a igreja colegiada de Nossa Senhora da Conceição, localizada no centro histórico da cidade de Angra, instituição litúrgico-musical erigida no final do século XVIII e dissolvida em 1832. A actividade musical desta, as referências sobre a própria igreja e outras instituições, são aqui escrutinadas.

Com o *Samba e Polícia: resistência e crônicas cotidianas de um olhar contra-hegemônico na cidade do Rio de Janeiro* o/a leitor/a é remetido/a de novo ao Brasil. O

samba assume a centralidade e da música sacra, objecto de estudo no artigo anterior, passamos a uma outra linguagem musical, encarada como acto de resistência, numa “crônica do cotidiano carioca” face ao poder coercivo do Estado, exercido pela polícia.

Chico Palha (1938), *Assim não Zambi* (1979) e *Numa cidade muito longe daqui - Polícia e Bandido* (2009), três sambas de diferentes épocas através dos quais nos é dado conhecer um relato da violência policial no Rio de Janeiro e da resistência popular.

Fica a proposta de leituras, tão diversas quanto profícuas, para o período de confinamento em que vivemos.

«O futuro é também uma ideia de fé.

Mas devemos imaginá-lo num tempo que simbolicamente perdeu a fé no futuro “»

Eduardo Lourenço (1923-2020)

“Não escrevo para fora, escrevo para dentro”...

Clarice Lispector

Para um ano atípico, um editorial atípico é a nossa proposta.

As celebrações que tradicionalmente habitam a quadra de Natal e a passagem de ano foram suspensas, deixando fazer sentir o peso da nostalgia de tempos idos. Contudo, preferimos afastar essa nota mais pesada para os tempos que vivemos e para os vindouros, animadas pela frase proferida pelo imunologista Henrique Veiga Fernandes: «É um dia muito especial. É o princípio do fim da pandemia tal como a conhecemos» que está a reger a mudança de registo, em Portugal, na Europa e no mundo, num ano marcado por gritos silenciosos, cristalizados em registos sem precedentes, tanto quanto, na Páscoa de 2020, a imagem do Papa Francisco, só, numa deserta Praça de São Pedro, lapidarmente traduz.

Os dias que correm proclamam a vitória da Ciência corporizada na possibilidade de vacinação mas, a sê-lo como desejamos, não poderemos esquecer que foram precisos muitos homens e mulheres que não pouparam esforços para travar a batalha do século XXI em laboratórios, investigando, mas também aqueles que, em mesas de negociações participadas pelos mais altos dignatários das nações e de tantos organismos públicos e privados, nacionais e internacionais foram quem permitiu à humanidade, unindo esforços, tornar a réstia de esperança na luz ao fundo do túnel.

Proclamemos, antes de tudo, a vitória de alianças feitas, de pessoas para as pessoas, entre cientistas, políticos, economistas, que souberam colocar o interesse da humanidade à frente de interesses económicos e políticos.

Assistimos ainda hoje, por todo o mundo, a uma série de atentados contra os mais

elementares Direitos Humanos; lembremos, a título de exemplo, as vidas roubadas a George Floyd (EUA), Samuel Paty (França) ou a Ihor Homeniuk (Portugal).

Queremos acreditar numa viragem assente em valores e atitudes, como já bem notava, em 1948, num momento crucial para a humanidade, Eleanor Roosevelt, procurando responder à questão: “Afinal, onde começam os Direitos Humanos?”

“Em pequenos lugares, perto de casa, tão perto e tão pequenos que não podem ser vistos em nenhum mapa do mundo. É aí que está o mundo do indivíduo, a vizinhança em que ele vive, a escola ou universidade que ele frequenta, a fábrica, quinta ou escritório em que ele trabalha. [...] Se esses direitos não tiverem aí significado, eles terão pouco significado em qualquer outro lugar. Se os cidadãos não actuarem para fazê-los valer à sua volta, será em vão que esperaremos progresso a nível mundial¹. ”

Se a violência parece ser um flagelo incontornável em escalada, nas sociedades ditas modernas, urge acreditar na imperiosa mudança de paradigma, passar de sociedades em competição para sociedades colaborativas, onde a palavra inclusão seja lema e prática desde a mais tenra idade. Parece oportuna a mensagem de *Soul: uma aventura com alma*², o mais recente filme da Disney/Pixar (2020), fazendo de Joe Gardner, o protagonista principal, a primeira personagem afro-americana neste tipo de registo fílmico. O sinal de mudança torna-se neste caso evidente, como o fora *Brave* (2012) respeitando a presença feminina disruptiva no mundo das princesas. A realidade acompanha também, ainda que com carácter de excepção, os cenários cinematográficos que rapidamente chegam a um universo vastíssimo; por isso mesmo, se torna tão significativa a presença de Kamala Harris na linha da frente da governança dos EUA, enquanto primeira Vice-Presidente afrodescendente. *Soul* oferece ainda campo fértil de análise para crescidos e não tão crescidos assim, pois traz consigo a demanda de respostas intemporais, hoje tão oportunas, estimulando a reflexão sobre o/s sentido/s da vida, especialmente num ano cuja taxa de mortalidade excedeu, em todas as latitudes, todas as previsões. Viver não pode ser sinónimo de sobreviver. Em sintonia com esse mesmo espírito, partilhamos a mensagem a difundir pela nova campanha da RNLP, abraçando 2021:

¹ Tradução de Vasco Malta.

² V. [Soul: Release Date and Trailer for Disney Pixar Movie | Den of Geek](#)

O meu sotaque, o meu corpo, a cor da minha pele,
o meu nome,
não fazem
de mim mais ou menos
apta;
mais ou menos inteligente!
Fazem sim ser humana.
Os meus actos sim dizem a diferença,
dizem o meu acreditar,
causas que abraço;
falam da honestidade
das minhas convicções,
no respeito pelos Direitos Humanos,
pela dignidade e
pela salvaguarda dos Direitos Universais,
na verticalidade que exige a consciência dos correspondentes deveres,
procurando respeitar,
mais do que ser respeitada,
reflectir
em vez de acusar,
compreender
para bem (com)viver
num mundo que precisa cada vez mais,
de gestos firmes,
comprometidos e solidários, para com quem mais precisa!
Esta sim, sou eu!
Quem vai querer ser no Novo Ano?

Isabel Lousada

Dezembro 2020